



INTOLERÂNCIA RELIGIOSA: REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS EM VOZES QUE EMERGEM DO GÊNERO NOTÍCIA

Jhonnys Ferreira do Nascimento¹
Maria Eliete de Queiroz²

RESUMO

O estudo, amparado pelos pressupostos teóricos e metodológicos da Análise Textual dos Discursos (ATD), utiliza-se da categoria semântica da representação discursiva (Rd) com base em pontos de vista acerca da intolerância contra religiões de matriz africana em vozes/discursos que emergem do gênero notícia. O *corpus* que compõe os dados é composto por três notícias publicadas nos últimos meses sobre a intolerância religiosa. Através das categorias analíticas da referência, modificação, predicação e da localização espacial/temporal, chegamos aos seguintes resultados: i) as muitas vozes que emergem do *corpus* da pesquisa são oriundas dos seguintes discursos: midiático, religioso, político, jurídico e acadêmico. ii) Do **discurso midiático** temos as seguintes Rds com relação a pastores que defendem religiões de matriz africana: violência, bruxaria, silenciamento das vítimas, farsa no discurso religioso intolerante, progressistas e exceções. iii) Do **discurso religioso** as seguintes Rds: religião do diabo, macumba, tristeza profunda (por causa da violência), macumbeira vagabunda, traumatizante, discurso de ódio, silenciamento das vozes violentadas e medo de represálias. Do **discurso político** temos as Rds de desrespeito à Constituição e violência religiosa. A Rd de omissão das autoridades é encontrada no **discurso jurídico**. E, por fim, temos a Rd do direito de denunciar partindo do **discurso acadêmico**.

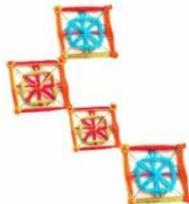
Palavras-chave: Intolerância Religiosa, Racismo Religioso, Representações Discursivas, Pontos de vistas.

INICIANDO A CAMINHADA

Discutimos, neste trabalho, que as religiões de matriz africana não são *apenas* alvos de intolerância religiosa, haja vista que a questão é bem mais secular, e sim vítimas do que autores como Fernandes (2017) vêm denominando de racismo religioso. Ou seja, a questão racial é indissociável da questão religiosa, como é evidente para os estudiosos da temática. Essa reflexão foi realizada por nós em momento anterior (NASCIMENTO, BEZERRA E QUEIROZ, 2019), quando ao utilizarmos os pressupostos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso, indicamos que os discursos intolerantes são contraditórios e alienados, enviesados pelo ódio e pelo racismo.

¹ Especialista em Atendimento Educacional Especializado pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Professor no município de São Miguel (RN). Graduando do curso de Letras-Língua Inglesa, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), lord.jhonnys@hotmail.com

² Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora do Departamento de Letras Estrangeiras do *Campus* Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), eliete_queiroz@yahoo.com.br



Retornamos essa discussão porque acreditamos na importância do tema para a própria reflexão sobre a democracia brasileira de 2020, tendo em vista que, ao elegermos um governo populista e extremista, que dialoga com o fascismo, compromete o Estado de direito, laico e democrático, trazendo um grande risco para a população. Não há ato sem risco, já nos afirmava Bakhtin (1993) e a última eleição, no Brasil, tornou-se um dos atos mais arriscados de uma democracia.

O alicerce teórico/metodológico utilizado para a análise que estamos a realizar é o da Linguística Textual (LT), com foco nos estudos da Análise Textual dos Discursos (ATD) (ADAM, 2011). Teoria que visa analisar os sentidos construídos contextualmente, através dos textos concretos. O objetivo deste artigo é analisar as representações discursivas construídas pelas vozes que emergem das notícias publicadas acerca da intolerância contra religiões de matriz africana. Para isso, escolhemos três notícias publicadas, no final de 2019 e em agosto de 2020³.

Desde o medo que atravessa a alma dos praticantes da Umbanda, Candomblé, Catimbó, etc., até o caso recente da mãe que chegou a perder a guarda da filha por causa da prática de iniciação (*Ìyàwó*) em uma religião de matriz, as notícias são compostas de diversas vozes: da religião, das leis, dos praticantes, entre outras. E essas vozes constroem representações discursivas sobre a intolerância religiosa, como veremos no item de análise de dados. Os pressupostos teóricos serão apresentados no próximo momento, tais como LT, ATD, representação discursiva e a responsabilidade enunciativa. Após esse momento, trataremos as análises dos dados e, por fim, alguns apontamos a título de considerações finais.

REFLEXÕES TEÓRICAS

Nesse estudo, adotamos como definição para a LT a defendida por Marcuschi (2012, p. 33), quando afirma que é o “[...] estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais”. Dentro do universo das ações humanas, que é complexo por natureza, o texto é tratado na LT como um ato de comunicação unificado. Ainda em acordo com o citado autor, o tema da LT abrange alguns aspectos, a saber: coesão superficial, níveis dos constituintes

³ A escolha das notícias se deu através de pesquisa realizada no “google notícias”, com a palavra chave “intolerância religiosa”. Haja vista a profundidade das análises feitas pela ATD, seria inviável um *corpus* maior. Os links com as publicações serão agregados no item de análise dos dados.



linguísticos; coerência conceitual, níveis semântico e cognitivo; nível pragmático da produção de sentidos, que envolvem as ações e intenções (MARCUSCHI, 2012).

A partir da década 1980, ocorre a ampliação do conceito de coerência, que abarcando uma perspectiva pragmático-enunciativa, afirma que este conceito não é simplesmente uma propriedade do texto, mas compreende um fenômeno mais amplo, “[...] visto que ela se constrói, em dada situação de interação, entre o texto e seus usuários, em função da atuação de uma complexa rede de fatores, de ordem linguística, cognitiva, sociocultural e interacional” (KOCH, 2018, p. 12). Através dos conceitos de coerência e coesão, outros fatores da textualidade começaram a ser objeto de pesquisa, tais como informatividade, intertextualidade, contextualização, entre outros.

Na década de 1980, com os trabalhos pioneiros de Van Dijk e Kintsch, as reflexões acerca do processo cognitivo do texto ganha espaço no campo em estudo, culminando na década de 1990 com a tendência sociocognitivista. As investigações na área da cognição, ao processamento do texto (produção e compreensão), estratégias sociocognitivas e interacionais, se tornam objetivo de estudo de inúmeros pesquisadores a nível nacional e internacional, entre eles citamos o linguística francês Jean-Michel Adam, responsável pelo desenvolvimento da teoria da Análise Textual dos Discursos (ATD). Como veremos logo mais, a categoria da representação discursiva (Rd) é amparada por perspectivas de ordem cognitivistas (CAMPOS, 2014).

Adam (2011), elabora um quadro teórico agregando conceitos epistemológicos da LT e da AD, mas com forte tendência empírica, haja vista que define a ATD como “uma teoria da produção co(n)textual de sentido que deve, necessariamente, ser fundamentada na análise de textos concretos”. (ADAM, 2011, p. 23). Na articulação entre texto e discurso, até então separadas pelas teorias da LT e da AD, Adam (2011) propõe a LT como um subdomínio da área mais ampla das práticas discursivas, indicando uma complementariedade e uma separação entre os domínios do texto/discurso.

A ATD não é somente uma teoria amparada em perspectivas cognitivistas do texto, mas possui forte tendência empírica/analítica, tendo em vista que os sentidos são construídos através dos/pelos textos. Ou seja, é uma teoria de base epistêmica e analítica do texto, indicando procedimentos de análise que levam o estudioso a compreender os sentidos dos enunciados através da inferência aos textos concretos. A (re)construção dos sentidos é possibilitada pelo movimento de inferência em textos reais, conseqüentemente, nos discursos que ali estão. É importante observar a tríade texto, gênero e discurso como arcabouço da ATD (QUEIROZ, 2018). Assim, ao nos deter ao gênero notícia, encontraremos na materialidade



textual os sentidos e discursos produzidos pelo locutor, que serão (re)construídos por nós através das categorias de análise propostas pela ATD.

Em Queiroz (2018, p. 290) temos a perspectiva da ATD como uma abordagem que é teórica, metodológica, descritiva e interpretativista e, como afirmamos acima, que concebe texto e discurso em novas categorias que são complementares. A mediação entre o texto e o discurso é dada pelos gêneros textuais, sendo o texto concebido como “[...] unidade semântica ligada ao seu contexto de produção e de circulação”. No arcabouço da ATD, a LT tem o papel de organizar e detalhar os níveis propostos para a análise dos gêneros textuais, como materialidades do discurso.

Rodrigues, Passeggi, Silva Neto (2010), elencam os quatro principais níveis de análise da ATD, a saber: a) um nível sequencial-composicional, a constituição linguística do texto (períodos, sequências, plano de texto); b) um nível enunciativo, da noção de responsabilidade enunciativa (vozes do texto); c) um nível semântico, o das representações discursivas; d) um nível argumentativo, os atos do discurso contribuem para a organização interna argumentativa do texto (RODRIGUES, PASSEGGI, SILVA NETO, 2010).

Mesmo que este estudo se detenha ao nível semântico das representações discursivas, falaremos, também, do nível polifônico, da responsabilidade enunciativa, haja vista que no gênero notícia há uma trama de vozes que se interligam para formar a materialidade textual. Adam (2011), ao elencar oito níveis de análise, do texto ao discurso, permeado pelo gênero, indica o Nível seis (N06), ao da representação discursiva e ao Nível sete (N07), ao da responsabilidade enunciativa.

Segundo Rodrigues, Passeggi, Silva Neto (2010), não há consenso na noção de responsabilidade enunciativa aos autores que se propõem a estudar esse nível. Mesmo que Adam (2011) tenha definido oito categorias para esse nível, que representa a polifonia, as vozes que emergem de um enunciado, outros autores também se dedicam a este estudo, tais como Culioli, Rabatel e os proponentes da ScaPoline (Teoria Escandinava da Polifonia Linguística), Nølke, Fløttum e Norén, todos citados por Rodrigues, Passeggi, Silva Neto (2010).

Culioli⁴ afirma que todo enunciador é responsável pelo enunciado. Diferentemente de Nølke, Fløttum e Norén que advogam que ser responsável é ser a fonte primeira do enunciado, estar em sua origem. Em Rabatel temos que o sujeito responsável pela enunciação assume seu ponto de vista (PdV) através da seleção e combinação do material linguístico. Ao

⁴ Todos os autores elencados nesse parágrafo são citados por Rodrigues, Passeggi, Silva Neto (2010, p. 154).



falarmos algo estamos assumindo a responsabilidade pelo enunciado, mesmo que não estejamos na origem dele. A título de exemplo: um pastor que em uma pregação se utiliza da fonte/voz bíblica para difamar/ofender praticantes de religiões de matriz africana, denominando-as de demoníacas, é responsável pelo que está enunciando, mesmo que queria imputar responsabilidade para a fonte bíblica. O próprio Bakhtin (1993) nos afirmará logo no início de seus estudos filosóficos que não há álibis para as ações humanas – leia-se, também, o dizer.

O nível 06 de análise, que compreende as representações discursivas, indica-nos que “todo texto constrói, com maior ou menor explicitação, uma representação discursiva do seu enunciador, do seu ouvinte ou leitor e dos temas ou assuntos que são tratados” (RODRIGUES, PASSEGGI, SILVA NETO, 2010, p. 173). Ao enunciar, construímos representações de nós mesmos, do nosso auditório e dos temas/assuntos abordados. Através da análise dos sintagmas nominais e verbais, conseguimos identificar representações de uma das três vértices do processo de comunicação. Queiroz (2018, p. 294) vai nos afirmar, amparada nos pressupostos de Adam, que “a representação discursiva tem a função de fazer com que o locutor construa, referencie ou represente, discursivamente, uma realidade para o seu alocutário”.

Tanto Rodrigues, Passeggi, Silva Neto (2010), quanto Queiroz (2018), observam que Adam (2011) não se aprofundou nos procedimentos de análise da representação discursiva. Que, para isso, os autores que se detém a estudar as Rd amparadas nas reflexões da lógica natural de Grize, principalmente no seu conceito de esquematização. Jean-Blaise Grize buscou compreender como os sentidos que damos as coisas são operados mentalmente. Seu conceito de lógica natural é uma alternativa à lógica proposta por Piaget, teórico da epistemologia, haja vista que está mais interligada aos sentidos construídos pela linguagem (CAMPOS, 2014).

A lógica de Grize, segundo Campos (2014), está associada a um modelo de comunicação com cinco postulados: dialogismo, situação de interlocução, da representação, a ideia de pré-construído cultural (toda representação é moldada historicamente), e que todo objeto de construção são processos da comunicação e, também, resultados. Percebemos, nesta perspectiva, que a “[...] comunicação como atividade simbólica implicaria a construção psicossocial de imagens do mundo” e que as “[...] representações que temos do mundo e de seus sujeitos seriam moldadas historicamente através das línguas” (CAMPOS, 2014, p. 975). Dessa forma, Queiroz (2018) observa que a comunicação discursiva só se efetiva se os



interlocutores compartilharem conhecimentos culturais/históricos que tenham uma mesma base.

Campos (2014, p. 975) define esquematizações como “[...] processos situados de comunicação baseados em imagens do mundo (representações individuais e sociais)”. Por isso a importância de Grize para a categoria semântica das representações discursivas, pois este autor inova ao integrar os conceitos de objetos e operações aos sujeitos da comunicação, buscando “[...] representar a maneira pela qual os sujeitos co-raciocinam pela comunicação” (CAMPOS, 2014, p. 975). Diante dessas reflexões, as análises realizadas nesse estudo, amparadas nos procedimentos da ATD, utiliza-se das categorias semânticas da referenciação, da predicação, da localização espacial e temporal (RODRIGUES, PASSEGGI, SILVA NETO, 2010) e da modificação (QUEIROZ, 2018), para (re)construir as representações discursivas sobre intolerância religiosa nas vozes que emergem das notícias, *corpus* da pesquisa.

A referenciação indica o referente, ou seja, de quem estamos a falar, normalmente representado por um nome substantivo ou expressão equivalente. A predicação seleciona os predicados que designam os processos – ações, estados, mudanças de estados – chamamos de predicados verbais ou nominais. A modificação qualifica/modifica o referente ou mesmo o predicado, gramaticalmente podemos indicar os advérbios ou locuções adverbiais. E, por fim, a localização espacial ou temporal indica os espaços físicos e temporais do texto: advérbios ou locuções adverbiais de tempo e espaço (QUEIROZ, 2018).

Para concluirmos esse momento teórico, devemos refletir sobre o tema da intolerância religiosa. Em trabalho anterior, Nascimento, Bezerra e Queiroz (2019), tendo como base autores como Fernandes (2017), observaram que o processo de discriminação, intolerância religiosa no Brasil, tem origens no pensamento colonial de converter ao cristianismo os que eram chamados povos pagãos. Além disso, as imagens medievais da bruxaria/feiticeira, propagados pela Inquisição Católica, nos seus tribunais, atrelaram imagens extremamente negativas às divindades africanas, assim como os costumes e tradições religiosas.

A intolerância contra as religiões de matriz africanas tem origem no povo africano, na diáspora que transformou seres humanos em animais. Se o nosso país é racista, tudo que está atrelado ao negro também é visto como negativo, com preconceito. Dessa forma, melhor seria se falássemos em racismo religioso (FERNANDES, 2017). A cada vez que a sociedade se torna menos democrática, onde posições racistas e teocráticas ganham poder, mais ataques às religiões de matriz africana sofrem. Há, nesse sentido, uma tentativa de silenciar vozes; ou



mesmo um Estado que silencia sua voz na defesa dos direitos da liberdade religiosa, como veremos nos dados expostos abaixo.

REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS EM NOTÍCIAS: ANÁLISE DOS DADOS

Os próprios títulos/manchetes das notícias nos dão algumas representações sobre o que o discurso midiático busca transmitir, haja vista, pelo que já é óbvio nos estudos da linguagem, que nenhum enunciado é neutro. As siglas **N01**, **N02** e **N03**, serão utilizadas para nomear as notícias.

Discurso Midiático/ Quadro 01: Títulos/Manchetes das Notícias

Notícia 01	“Praticantes de religiões de matriz africana reclamam de intolerância e violência ”
Notícia 02	“Mãe perde guarda da filha após jovem participar de ritual do Candomblé ”
Notícia 03	“Intolerância religiosa persiste além dos números registrados no Ceará ”

Em **N01**, o referente *praticantes de religiões de matriz africana reclamam* da *intolerância* e da *violência* contra a sua religião, temos a referenciação e a predicação como elementos que marcam nesse discurso a prática extremista quanto a esse povo. Em **N02**, vemos três referentes, *mãe*, *filha* e *jovem*, dois verbos da predicação, *perde* e *participar*, e temos o modificador *ritual do Candomblé*. Observamos que o modificador *ritual* traz ao imaginário social e popular os rituais de magia negra ou de bruxaria medievais, carregando o sentido negativo, principalmente quando interligada à religião: o Candomblé. Em **N03** temos o referente *intolerância religiosa*, o verbo da predicação *persiste*, o modificador *além dos números* e a localização espacial *Ceará* para dizer que há um silenciamento dos casos registrados, como fica claro no decorrer da notícia.

Através das manchetes de **N01**, **N02** e **N03** definimos as seguintes representações discursivas acerca da intolerância do ponto de vista midiático: a intolerância é violenta, de bruxaria e silenciamento. Mesmo que a palavra ritual tenha ligações com ritos das religiões, é imprescindível que compreendamos que quando ligada a uma religião que historicamente é satanizada, abarca um sentido negativo. É um recurso que visa única e exclusivamente chamar a atenção do leitor, que pouco leva em conta a carga negativa que atribui à religião que já é marginalizada.



Discurso Midiático/ Quadro 02: Excertos do ponto de vista dos locutores das Notícias

N 01	“De acordo com o deputado, quem pratica qualquer religião e promove a intolerância religiosa é um farsante ” (L 06).
N 01	“ Progressista , negra e exceção entre os evangélicos , a pastora Val afirmou que iria postar a audiência pública em seu Facebook e provocar seus pares religiosos para a conscientização do tema e a resistência à perseguição religiosa ” (L 16 a 18)
N 01	“Para ele , há omissão das autoridades diante da intolerância, o que pode evoluir para uma situação mais grave de conflito ” (L 24 a 25).
N 02	“Uma mãe de Araçatuba, no interior de São Paulo, perdeu a guarda da filha de 12 anos após a adolescente passar por um ritual de iniciação do candomblé , que envolve raspar a cabeça dos novos adeptos . A ação foi movida pelo Conselho Tutelar da cidade, que recebeu denúncias de maus-tratos e abuso sexual . Como uma delas foi feita pela avó da menina, que é evangélica, a defesa da família afirma que o caso é de intolerância religiosa ” (L 01 a 06).
N 02	“O caso segue em segredo de justiça. A mãe quer a guarda de volta e aguarda o agendamento de uma audiência em que será ouvida pelo juiz, mas que ainda não tem data para acontecer” (L 89 a 91).
N 03	“De 2012 a 2019, 70 casos foram denunciados no Estado através do Disque 100, serviço do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH). O número, porém, não é sinônimo de um cenário de paz ” (L 05 a 09).

Os excertos destacados compõem as vozes do discurso midiático, que são as vozes dos jornalistas mescladas com outras vozes, através de um discurso direto ou indireto, mas, no Quadro 02, há predominância do discurso midiático e, conseqüentemente, as Rd que dele se originam. **N01** (L 06) cita indiretamente o discurso de um deputado, que é militante dos Direitos Humanos (DH), para afirmar que quem promove intolerância é farsante. Nesse caso, o pronome *quem* é o referente, os verbos da predicação, *pratica*, *promove* e *é*, e o modificar *farsante* indicam uma Rd de *farsa* no discurso do religioso intolerante.

Na **N01** (L 16 a 18) temos outra citação indireta do discurso de uma pastora. O referente é o substantivo *Val*, os modificadores *progressista*, *negra* e *exceção*, oriundos do discurso do jornalista, indicando Rds de pastores que lutam contra a intolerância como *progressistas* e *exceções*. No discurso indireto da pastora, *pares religiosos* é o referente, os verbos da predicação, *afirmou*, *iria postar* (locução verbal), *provocar*, e o modificador *perseguição religiosa*, constroem uma Rd da intolerância como *perseguição religiosa*. Analisando **N01** (L 24 a 25) observamos a construção de Rds de *omissão das autoridades* e *conflito*. Os referentes são indicados pelo pronome *ele* e o substantivo *autoridades*, os verbos da predicação *há* e *pode evoluir* (locução verbal), o intensificador *mais grave* permitem a construção daquelas Rds.

Na segunda notícia, **N02** (L 01 a 06) faremos a confirmação da Rd de *bruxaria* atribuída ao Candomblé. Temos, na primeira frase, os referentes *mãe*, *filha*, *adolescente*,



ritual e novos adeptos, os verbos da predicação *perdeu*, *passar* e *envolve*, os localizadores espaciais e temporais *Araçatuba*, *interior de São Paulo*, e *12 anos*, o modificador *iniciação do Candomblé*. Esse amálgama textual indica que a mãe perdeu a guarda da filha, por causa de um ritual de iniciação, onde é preciso raspar a cabeça. Evidente que para um leigo que leia essa notícia, que não conheça os fundamentos da religião, iniciações assim envolvem o macabro, o satânico, porque isso já se cristalizou no imaginário social. Já nas duas últimas frases, temos Rds desses rituais como *maus-tratos* e *abuso sexual*. Os referentes *Conselho Tutelar* e *avó da menina*, o modificador *evangélica*, indicam ainda mais que aquelas Rds são oriundas do Estado e de seguidores de religiões protestantes.

Nos dois últimos excertos, **N02** e **N03**, temos a construção de uma mesma Rd: silenciamento dos religiosos violentados. Evidenciamos essa Rd através dos referentes *caso*, *mãe*, *juiz*; os verbos da predicação *segue*, *quer*, *será*, *acontecer*; a conjunção adversativa *mas* e o intensificador *ainda*, mostram o *silenciamento* da voz daquela mãe, que é adepta do Candomblé. Vejamos, agora, algumas Rds nas vozes que emergem do discurso religioso.

Discurso Religioso/ Quadro 03: Excertos de Adeptos das Religiões Afro-brasileiras

N 01	“Segundo o IBGE, a maioria dos negros e negras do Brasil se autodeclara protestante pentecostal. Não tem sentido você ser negro, ter a ancestralidade africana, e ficar demonizando religião de matriz africana dizendo que adora o diabo , ou se referindo de forma pejorativa , como macumba ” (L 19 a 21).
N 02	“Eu já vi perseguição , preconceito , pessoas que são agredidas e apedrejadas na rua, terreiros que são incendiados. Mas nunca algo assim. É uma tristeza profunda ” (L 55 a 57).
N 03	“Na rua dessa casa, uma mulher que se declarou evangélica passou e puxou o meu turbante. [...] Depois ela começou a me chamar de ‘ macumbeira vagabunda ’. Hoje a gente tenta não ficar mal , mas foi uma situação bem traumatizante, difícil , onde você via o discurso de ódio ” (L 30 a 34).
N 03	“Quando isso [violência contra o terreiro] aconteceu, chamamos a polícia e disseram que não podiam fazer nada , fiz o boletim de ocorrência, mas nada foi feito. Embora a gente tivesse provas, as marcas na parede, vídeos sobre os ocorridos, a polícia mesmo assim disse que não podia fazer nada . Temos medo de possíveis represálias ” (L 37 a 41).

A voz encontrada em **N01** indica Rds das religiões de matriz africana, como *religião do diabo* e *macumba*, por meio da referenciação. Outra categoria presente nessa construção são os modificadores: *ser negro*, *demonizando*, *pejorativa* e *macumba* que tratam a imagem das religiões de forma preconceituosa. Em **N02**, aborda o sentimento psicológico: *tristeza profunda*. O referente *eu*, *pessoas* e *terreiros*; os verbos da predicação *vi*, *são* e *é*, além dos modificadores *perseguição*, *preconceito*, *agredidas*, *apedrejadas*; tessituram uma Rd de *tristeza profunda* por causa da violência.



Em N03, através dos referentes: *mulher, ela, gente, você*; os verbos da predicação: *declarou, puxou, começou, chamar, tenta, ficar* e os modificadores *não, mal, bem*, constroem representações de *macumbeira vagabunda, tristeza* (no ficar mal), *traumatizante* e *discurso de ódio*. Importante destacar que essas Rds são construídas ou pelos adeptos vítimas de violência, ou aos intolerantes, mas todas tem uma origem comum que é o racismo religioso. Mais uma vez temos uma Rd de *silenciamento das vozes* e por parte do Estado, temos o *medo de represálias*.

Discurso Político/ Quadro 04: Excerto de um Representante Político

N 01	“O sentido da religião é aproximar as pessoas, promover o encontro, é religar o homem com a divindade. A gente vê tanta violência religiosa que é um desrespeito flagrante à Constituição , que garante a liberdade de culto, a liberdade religiosa” (L 07 a 09).
------	--

Na voz que emana do discurso político de N01, temos a Rd da intolerância religiosa por meio da expressão referencial *desrespeito flagrante à Constituição*, ao falar do sentido que tem a religião de aproximar pessoas, observa a contradição em um religioso praticar violência religiosa contra outras pessoas, que é inconstitucional.

Discurso Jurídico/ Quadro 05: Excerto da Fala de Uma Advogada

N 01	“Você tem no país a propagação diária do discurso de ódio. Segundo o Ministério da Justiça a cada 15 horas um terreiro é vítima de ataque. Eu temo que possamos ter conflitos sociais em razão da omissão das autoridades em relação à intolerância religiosa” (L 26 a 28).
------	--

Neste excerto, a voz do Direito observa que conflitos sociais poderão ocorrer por causa da omissão das autoridades no que se refere à intolerância religiosa. Ou seja, há uma referência por meio da expressão: *omissão das autoridades* que busca, como dissemos nos parágrafos anteriores, silenciar as vozes dos alvos da violência religiosa.

Discurso Acadêmico/ Quadro 06: Voz de Um Professor Universitário

N 03	“Muitas pessoas não sabem do direito que têm de reclamar sobre algum fato ocorrido de discriminação , você tem o direito a denúncia, mas muitas pessoas não sabem ” (L 10 a 11).
------	---

Neste excerto, destacamos a predicação que demonstra os aspectos interligados para mostrar ao leitor que quem é vítima de intolerância tem o direito de reclamar/denunciar, ou seja, que não deve ficar calado, o silenciamento pode contribuir com a omissão do estado, como relatamos acima.



PAUSA NA CAMINHADA: POSSÍVEIS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como base os princípios teóricos e metodológicos da ATD, analisamos três notícias com o tema da intolerância religiosa. Observamos que as muitas vozes que emergem do *corpus* da pesquisa são oriundas dos seguintes discursos: midiático, religioso, político, jurídico e acadêmico. Através do discurso direto ou indireto, as vozes dos jornalistas (**discurso midiático**) construíram as seguintes Rds acerca da intolerância: violência, bruxaria, silenciamento das vítimas, farsa no discurso religioso intolerante, progressistas e exceções (com relação a pastores que defendem religiões de matriz africana), perseguição religiosa, omissão das autoridades, conflito, maus-tratos e abuso sexual (Relativo à visão do Estado e dos intolerantes às práticas sagradas).

O **discurso religioso** construiu as seguintes Rds: religião do diabo, macumba, tristeza profunda (por causa da violência), macumbeira vagabunda, traumatizante, discurso de ódio, silenciamento das vozes violentadas e medo de represálias. No discurso político temos as Rds de desrespeito à Constituição e violência religiosa. A Rd de omissão das autoridades é encontrada no **discurso jurídico**. E, por fim, temos a Rd do direito de denunciar partindo do **discurso acadêmico**.

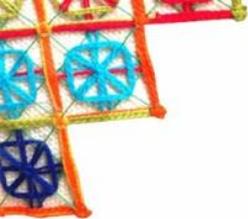
Todas essas Rds se unem para afirmar que há uma visão violenta, negativa, ilegal acerca das religiões de matriz africana por parte do Estado e de outros segmentos religiosos que buscam silenciar as vozes das vítimas, que muitas vezes não sabem do poder de denúncia. Ou, quando sabem, tem medo de represálias. Além disso, toda essa situação de violência acarreta danos psicológicos aos adeptos, tais como profunda tristeza e traumas, por serem alvos constantes de discursos de ódio.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. 2. ed. revista e aumentada. São Paulo, 2011.

BAKHTIN, M.M. **Para uma Filosofia do Ato**. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, 1993.

CAMPOS, Milton N. Integrando Habermas, Piaget e Grize: contribuições para uma Teoria Construtivista-Crítica da Comunicação. In: **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia, vol. 21, n.3, 2014, p. 966-996.



FERNANDES, Nathalia Vince Esgalha. A raiz do pensamento colonial na intolerância religiosa contra religiões de matriz africana. In: **Revista Calundu**, vol. 1, n. 1, p. 117-135, jan-jun, 2017.

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à Linguística Textual**: trajetórias e grandes temas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística de Texto**: o que é e como se faz? 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

NASCIMENTO, J. F.; BEZERRA, A. S.; QUEIROZ, M. E. “Para não dizer que não falei das flores”: a intolerância religiosa em discursos do tráfico. In: **Simpósio Nacional de Línguas, Literatura e Ensino**, RN, Brasil, 03 a 05 de dezembro de 2019 (e-book).

QUEIROZ, Maria Eliete de. Análise textual do discurso político de renúncia: a representação discursiva de ACM como vítima. In: GOMES, A. T.; PASSEGGI, L.; RODRIGUES, M. G. S. **Análise textual dos discursos**: perspectivas teóricas e metodológicas. UFRN, 2018 (e-book).

RODRIGUES, M. G. S.; PASSEGGI, L.; SILVA NETO, J. G. “Voltarei. O povo me absolverá...”: a construção de um discurso político de renúncia. In: ADAM, Jean-Michel. **Análises textuais e discursivas**: metodologias e aplicações. São Paulo: Cortez, 2010.